

O feminino, tempos e espaços em *As Andorinhas* de Paulina Chiziane, e em *Becos da Memória* de Conceição Evaristo

The feminine, times and spaces in *As Andorinhas*, by Paulina Chiziane, and in *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo

Eliane Costa¹

Flávio Pereira²

Márcia Regina Santana Pereira³

Resumo: Este artigo analisa o trabalho de duas escritoras negras com reconhecida representatividade no cenário da luta por direitos, autonomia e igualdade: a moçambicana Paulina Chiziane e a brasileira Conceição Evaristo. Sob a perspectiva comparatista, esta análise enfoca-se nas narrativas dos livros *As Andorinhas* e *Becos da Memória* e como elas abordam o feminino e suas relações com o tempo e o espaço. O objetivo deste texto é evidenciar como duas escritoras de países tão distantes geograficamente têm tantos pontos fundamentais em comum (os dois livros tratam do feminino em sociedades machistas, são escritos em Língua Portuguesa, por mulheres negras com características tão peculiares e tão distintas, com histórico de participação em lutas na busca de direitos). As comparações pretendem, mais do que levar ao leitor detalhes das obras, focar as diferenças entre os textos, no entanto, destacando a maneira como estas obras dialogam entre si.

Palavras-chaves: Literatura Africana; Literatura Afrodescendente; Autoria Feminina.

Abstract: This article analyzes the work of two black women with renowned representation in the scenario of the struggle for rights, autonomy and equality: Mozambican Paulina Chiziane and Brazilian Conceição Evaristo. From a comparative perspective, this analysis focuses on the narratives of the books *As Andorinhas* and *Becos da Memória* and how they deal with the feminine and their relations with time and space. The objective of this text is to show how two female writers from geographically distant countries have so many fundamental points in common (the two books deal with the feminine in sexist societies, are written in Portuguese, by black women with such peculiar and so different characteristics, with a history of participation in struggles in the search for rights). The comparisons aim at, more than bringing the reader to details of the works, focusing on the differences between the texts, nevertheless, valuing the way these works dialogue with each other.

Keywords: African Literature; Afro descendent Literature; Female Author.

Recebido em 10 de novembro de 2017

Aceito em 11 de janeiro de 2018

Introdução

As escritoras, Paulina Chiziane e Conceição Evaristo são daqueles casos que, já no primeiro contato com sua obra, é possível ter a impressão da natureza do seu

¹ PPGEEB/UFES. E-mail: elianecoordena@gmail.com

² PPGEEB/UFES. E-mail: flavio2128@yahoo.com.br

³ Pesquisadora da UFES. E-mail: marcia.modelab@gmail.com

trabalho. Isso não quer dizer, no entanto, que o desejo de continuar explorando as páginas de seus romances seja arrefecido. Pelo contrário, ao perceber a singela - e ao mesmo tempo contundente – maneira com que escrevem sobre temas sociais (sobretudo aqueles relacionados à visão da mulher dentro de uma realidade machista), a curiosidade e o interesse pelos textos ganham ainda mais intensidade. E a recompensa vem na forma da sensação de ter passado por páginas de escrita com grande sensibilidade feminina, refinada, leve, mas sem perder o tom crítico que norteia essas duas escritoras.

O objetivo deste trabalho, sob uma perspectiva comparatista, é analisar como abordam o papel da mulher e suas relações com o tempo e o espaço nas narrativas de *As Andorinhas*, de Paulina Chiziane, e de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. Esses aspectos nos livros são analisados sob a lente que não se enfoca na determinação de superioridade de um trabalho em relação ao outro, mas antes busca examinar como os textos dialogam entre si e como se complementam, mesmo tendo sido escritos em dois países tão distantes geograficamente: Moçambique, na África Austral, e Brasil, na América do Sul.

Paulina Chiziane é a primeira mulher de Moçambique a publicar um romance. Em 1990, publicou *Balada de Amor ao Vento*, que trazia mensagem feminista e de esperança. Nasceu em 4 de julho de 1955 em Gaza, uma província moçambicana. Na infância, falava chope e ronga. Posteriormente aprendeu Português em uma escola católica, embora fosse protestante. Iniciou seus estudos superiores na Universidade Eduardo Mondlane, mas não chegou a concluir a Licenciatura em Linguística. Quando viveu na capital Maputo, juntou-se à Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) na luta pela independência (SILVA, 2014).

A brasileira Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu na capital mineira, Belo Horizonte, no ano de 1946. Mudou-se para o Rio de Janeiro nos anos 1970. No estado fluminense, graduou-se em Letras. É professora doutora em Literatura Comparada, com estudos direcionados à literatura afro-brasileira e africana de Língua Portuguesa. Em 1990, publicou seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Além de *Becos da Memória*, publicado pela primeira vez em 2006, é autora de *Ponciá Vicêncio* (de 2003), *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (de 2014) e *Histórias de leves enganos e*

parecenças (2016). Conceição Evaristo figura como uma das mais importantes personalidades dos movimentos da cultura negra no Brasil (OLIVEIRA, 2009).

1. Os Contos de As Andorinhas

As Andorinhas é um livro da autora moçambicana Paulina Chiziane, com primeira edição em 2009, que traz três contos. O primeiro, intitulado *Quem manda aqui?*, narra a história de um gordo imperador que detinha o poder supremo em seu território. Todos o obedeciam; eram obstinados em servi-lo. No entanto, certo dia, uma andorinha soltou em seus olhos o que a autora chama de ‘caganita’, equivalente a cocô no português do Brasil. O imperador não podia tolerar tal ultraje. Além do ato desrespeitoso do pássaro, o imperador supunha que as andorinhas (que não o obedeciam) faziam parte de um plano do povo inimigo para desmoralizá-lo. Assim, mandou seu exército em uma missão de calar as andorinhas. Foi o início da sua derrocada.

Os soldados, ao saírem para cumprir a ordem do imperador, em determinado instante chegam ao reino das andorinhas. Esse instante marca a entrada em outro espaço, um espaço paradisíaco, uma espécie de Jardim do Éden, local de renascimento e fecundidade, bem diferente da terra do soberano. O conto descreve um lugar físico, real, citando inclusive os nomes reais dos rios que os soldados cruzam para chegarem até lá. Mas, embora o espaço físico concreto tenha localização real, a narrativa trata de um lugar idealizado, um paraíso. Nesse ponto da narrativa, misturam-se o espaço físico real e o local mítico. O império é decadente, onde se destaca a seca, que juntamente com a guerra e as doenças, banaliza a morte. Neste espaço, há galinhas, cavalos e hipopótamos. É o retrato da sociedade tribal moçambicana androcêntrica, repleta de imagens da natureza e do universo masculino.

O conto é baseado na história de Gaza, hoje Moçambique, no reinado de Frederico Gungunhana, o Leão de Gaza, da Dinastia Nguni. Seu reinado durou 47 anos, de 1855 a 1902. Embora fosse uma figura controversa, Gungunhana pode ser visto como herói nacional pela resistência ao colonialismo português. Esse herói, assim como outros, tem história que dialoga com outras realidades temporais e espaciais. Nesta narrativa, observa-se com destaque o tempo cíclico da natureza, tempo em que o humano está sujeito aos ciclos naturais. Por vezes, evocam-se os espíritos dos

antepassados. Por sua vez, o espaço é um lugar repleto de mitos e símbolos, com um profundo entrelaçamento entre natureza e homem. O verbo do título da narrativa – *Quem manda aqui?* – está no presente. Isso demonstra um recurso típico das tradições orais que, por meio desse 'truque', traz a história para o presente na tentativa de reavivar o acontecimento.

Já no segundo conto, *Mondlane, o criador*, a autora conta poeticamente a história do herói nacional Eduardo Chivambo Mondlane, um dos principais nomes da história de resistência e luta de Moçambique contra a dominação portuguesa. Sua avó conta a história de um passado ancestral como forma de profetizar as lutas e vitórias das quais Mondlane participaria.

A principal figura dessa narrativa é Eduardo Chivambo Mondlane, que viveu entre os anos de 1920 e 1969. Ele foi um dos fundadores da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), da qual Paulina Chiziane também fez parte. Mondlane morou nos Estados Unidos da América, teve atuação na Organização das Nações Unidas e foi o primeiro presidente da Frelimo. Fez doutoramento em Sociologia. Em 1961, em visita a Moçambique, teve a convicção que era chegada a hora de intensificar as ações de luta pela independência. Assim, em 1962, fundou a Frelimo, após articulação para unir outros grupos que começavam a se organizar com a mesma finalidade. Morreu assassinado em 3 de fevereiro de 1969, após abrir uma encomenda-bomba. Moçambique viria a se tornar independente de Portugal em 1975.

O tempo real desse conto é aquele que se passa em Moçambique sob o domínio português. Assim como Gungunhana (o imperador do primeiro conto), Mondlane também tem história que dialoga com outras realidades temporais e espaciais. O recurso do 'era uma vez' é utilizado neste conto. É uma ferramenta da avó de Eduardo (que conta uma história para ele) para entrar no mundo da ficção e, além disso, estabelecer a ligação entre o passado e o presente.

É por meio da história que a avó conta, de um tempo em que ele não viveu, que Eduardo se prepara para a luta em que ele seria o protagonista, a luta pela liberdade de Moçambique frente ao domínio português. O tempo, neste conto, tem como linha a história de Moçambique. Na década em que Eduardo nasceu, Moçambique passava por um tenso período social. Em Portugal, um golpe colocara Salazar como presidente do Conselho de Ministros. Com isso, há uma nova ordem em relação às colônias africanas,

de modo que elas fossem ‘civilizadas’. Foi instituído um sistema de ensino em que o objetivo, obviamente, não era educar, mas servir como aparelho ideológico do Estado Português.

O conto também traz as galinhas, mas Eduardo, nesse lugar, faz-se de águia. O cenário do conto é de opressão em Moçambique sob o colonialismo português. Na composição do espaço, a autora cita também a escravidão do africano, num local com história corrompida e transformada pelos interesses do capitalismo europeu. Após a morte de Eduardo, a autora cria um espaço, para onde ele vai, que se assemelha em conceito ao reino das andorinhas, do primeiro conto.

Por sua vez, o terceiro conto traz mais uma figura de herói moçambicano. Para ser mais exato, uma heroína. *Mutola, a ungida* é o título da terceira narrativa. Maria de Lurdes Mutola foi a primeira medalhista olímpica de Moçambique. A autora utiliza a trajetória dessa notável atleta para retratar as situações pelas quais passam as mulheres em uma sociedade androcêntrica. A terceira narrativa é o texto menos extenso do livro. O tempo desse conto são os dias atuais. Mutola foi medalhista de ouro na corrida de 800 metros em Sydney, na Austrália, no ano 2000, sendo a primeira moçambicana a conseguir uma medalha olímpica. É uma figura da atualidade moçambicana, nascida em 27 de outubro de 1972, no subúrbio da capital Maputo. O conto, em que ela é comparada a uma águia, passa-se no período pós-independência moçambicana.

O espaço neste conto é bem peculiar. Diferentemente dos outros dois contos, não há um invasor, ou uma figura política a se combater. O espaço é de luta pelos direitos individuais dentro da vida social, no lugar em que a mulher é objeto e que o máximo que se deve esperar para ela é cuidar da casa, do marido e dos filhos. Esse é o retrato do espaço no conto *Mutola, a ungida*. A autora, assim como fez com Mondlane, chama a primeira medalhista em olimpíadas de Moçambique de águia em meio às galinhas.

2. As Histórias dos *Becos da Memória*

O livro *Becos da Memória* foi escrito pela mineira Conceição Evaristo. Com traços de autobiografia, a obra retrata a realidade daquela parcela da população dos grandes centros marcada pela exclusão social. Nas memórias de uma jovem menina, as histórias destacam as vivências em um contexto de pobreza, exclusão e falta de acesso às oportunidades. Em meio a tantos personagens que evidenciam a miséria e até mesmo

as dificuldades de definição de identidades devido ao cenário de escassez material, a autora traz histórias dos becos que, claramente, fazem referência a sua própria infância, em que vivia em comunidade carente, presenciando diariamente a divisão que a sociedade do capital e do consumo impõe a todos.

Diferentemente de *As Andorinhas*, em que há uma divisão temporal entre os contos (cada um se passa em uma época diferente), o livro *Becos da Memória* não tem essa característica. A história é contada sob a visão de uma menina de 13 anos, a narradora Maria Nova. No entanto, com o desenrolar do enredo, vão aparecendo outros narradores. A narrativa, por não ser contínua, não apresenta linearidade no tempo; oscila entre passado e presente, sempre com a marca de um tempo de miséria e exclusão social.

As narrativas incorporam elementos da memória coletiva relacionada à identificação individual. Assim, por intermédio da oralidade, permeia as histórias com resquícios do tempo da escravidão, provocando a reflexão sobre o papel do negro na construção do país e na formação da identidade brasileira. A memória, no livro, é o instrumento de resgate histórico. Trabalhando com memórias, recupera-se e preserva-se a história daquele grupo. As autoridades responsáveis pela demolição da favela citada no livro, que passa pelo que a autora chamou de plano de desfavelamento, provocam sentimento de grande angústia com a iminente desocupação. Com isso, muitos começam a lembrar como ali chegaram. Isso faz com que as narrativas não sigam uma sequência linear no tempo; o tempo vai-se desenrolando conforme a história de cada personagem.

A leitura de *Becos da Memória* oferece também a percepção de um espaço marginalizado, indicando o lugar da mulher negra na sociedade brasileira. Este lugar da mulher negra é também de outros excluídos, como meretrizes, mendigos ou favelados. Os becos são destaque na caracterização física. Pela descrição da autora, esta favela ainda não conhece os efeitos do tráfico de drogas. Os espaços que aparecem nas narrativas vão desde lavouras, barracos, calçadas, delegacias, até bordéis, em uma caracterização como lugares dos menos favorecidos. Essa característica é acentuada na composição das personagens. Há detalhamento das suas personagens femininas, como peculiaridades físicas, psíquicas e sociais, além de financeiras. A narrativa da jovem Maria Nova, que é uma menina de 13 anos sustentada por uma lavadeira, estabelece

pontes metafóricas (OLIVEIRA, 2009) entre dois lugares, dois mundos: o da prosperidade e o da favela.

O sentimento de pertencimento a um espaço também é verificado na obra de Evaristo. Como o negro das narrativas está constantemente se mudando, não pertence a lugar algum. O ‘desfavelamento’ tem, como uma das consequências, a redefinição das identidades daquela população. Também é muito marcante a relação entre espaço e memória. Com efeito, é um processo em constante renovação.

Ao longo da narrativa, duas torneiras públicas citadas no livro podem configurar-se em importantes espaços no enredo. Somente para exemplificar, Maria Nova diz que, quando estava para brincadeira, preferia a torneira de baixo. Quando estava triste, dirigia-se à localizada em uma região mais acima. Essa passagem mostra a formação de grupos de identidade entre os moradores da favela. A autora faz um mapeamento com uma espécie de geografia pessoal e até mesmo afetiva, isso em relação ao sentimento de pertencimento a uma terra de origem e também em relação ao novo espaço, a favela. Neste espaço, a favela é um lugar de construção coletiva, mas ao mesmo tempo preserva a história individual de cada família. O trecho ‘becos da favela que dão em outros becos que nunca têm fim’ proporciona uma alusão à falta de saída que aquela vida miserável apresenta.

3. Por que comparar?

A literatura comparada pode ser considerada o estudo de qualquer fenômeno literário, sob a perspectiva de mais de uma literatura nacional, ou em conjunção com outra disciplina intelectual, ou mesmo com várias. Atualmente, já é superada a comparação no sentido de verificar qual literatura, ou qual obra, é melhor. Nesse aspecto, a análise comparativa torna-se ainda mais interessante quando se evidenciam as diferenças, e não apenas as semelhanças entre as obras analisadas, que devem ser consideradas sob uma perspectiva prospectiva. A literatura comparada não deve ser somente uma mera comparação entre culturas feita de maneira isolada, visto que implica analisar estruturas de dominação e complexos de inferioridade historicamente gerados, entre outros elementos (ALDRIDGE, 1994; COSTA, 2016; HUYSSSEN, 2002).

A produção da área de literatura comparada destaca o estudo de aspectos que envolvem as relações com a sociedade, aspectos teóricos da história literária, estudos

das fontes e estudo dos autores. Desde os primórdios da literatura comparada, esta prática tem demonstrado grande atenção ao diálogo de calibre internacional. O comparatismo nutre-se do estudo das relações entre si de diferentes literaturas, considerando aspectos como aquelas ligadas à inspiração, ou conteúdo, para citar alguns exemplos (NITRINI, 1994; ALÓS, 2012).

Especificamente no caso de Evaristo, ao comparar uma obra brasileira com uma moçambicana, pode-se observar com destaque, entre outros aspectos, a realidade latino-americana na análise em questão, sobretudo devido à influência de fatores históricos nessa parte da América. A tomada de consciência das especificidades da literatura comparada e das diversas literaturas latino americanas, além da necessidade de ter sempre em conta a tradição literária do continente, fizeram o comparatismo passar, na América Latina, de um estudo mecânico de fontes e influências a uma disciplina capaz de desencadear um verdadeiro diálogo de culturas. A literatura latino-americana, pelas circunstâncias históricas em que surgiu, traz consigo uma dialética entre o local e o universal, e é precisamente por esta pluralidade que ela deve ser compreendida (COUTINHO, 2003).

Ao comparar *As Andorinhas* e *Becos da Memória*, como observado por Gomes (2015), verifica-se que, assim como em Moçambique, o Brasil apresenta estrutura social com forte característica patriarcal que, mesmo apresentando modificações com o passar dos anos, ainda continua limitando a possibilidade de a mulher superar a posição que este tipo de situação a impõe. Comparar o trabalho das duas autoras é evidenciar o ativismo feminino delas. Resquícios do período colonial escravocrata são percebidos nos textos, o que, por si só, já seria um interessante ponto em comum a ser analisado. Chiziane e Evaristo têm compromisso com a denúncia contra as relações de poder, sexismo e racismo (2015).

Escrever como forma de amplificar a voz da mulher negra, com crítica social e racial, pode ser entendido como forma de insubordinação, permitindo que a negra saia do papel de objeto, ato feito com maestria por Chiziane e Evaristo, relacionando história e literatura. Ao romancista, cabe “construir a narrativa histórica através da imaginação (GOMES, 2015, p. 71)”. Apenas para reforçar o fator histórico, no Brasil, a produção literária, por anos, foi atividade predominantemente de homens, membros das classes abastadas, refletindo em visões estereotipadas do negro, da mulher, do índio. Com isso,

o ato de uma negra produzir literatura toma ainda mais importância como meio de sua inserção no mundo, na história. Assim como Evaristo, Chiziane utiliza a escrita artística para tonificar a memória da cultura, com registro da oralidade encontrada nas histórias colhidas no dia a dia.

A partir dessas escritas oriundas do ponto de vista das mulheres negras, de sua arte, estratégia e visão política, tornou-se possível enxergar a experiência feminina negra por uma perspectiva diversa da submissão ou da cristalização do estereótipo (GOMES, 2015, p. 89).

É fundamental considerar a tensão racial, existente tanto no Brasil quanto em Moçambique, para o pleno entendimento da escrita de Chiziane e de Evaristo. Para ela, sexismo e racismo são sistemas que se sustentam mutuamente, acrescentando que, pela escrita, procura uma maneira para que as mulheres conquistem ampla compreensão e liberdade. A interseção entre as duas escritoras é possível, mesmo com a distância geográfica entre elas, ao considerar as suas vivências, observando que o principal, nesse contexto, é a escrita da memória histórica.

A poética de Evaristo move a identificação “mulher” em direção a múltiplos locais de redefinição contextual e cria um espaço de resistência para a reorientação das diversas subjetividades e das vozes de sujeitos femininos marginalizados e oprimidos pelos mecanismos de poder patriarcal e racista presentes nas sociedades brasileira e moçambicana (DIOGO, 2010, p. 5).

A escrita de Chiziane, por seu turno, também aponta o destaque para a discussão sobre o lugar da mulher em Moçambique, lugar este que proporcione uma condição libertária.

Paulina Chiziane inaugura a publicação do romance de autoria feminina em Moçambique, ocupando, na atualidade, um lugar desconfortável, que é o de escritora em uma sociedade que insiste em manter um distanciamento entre o lugar que compete à mulher e ao homem. A escritora utiliza-se da encenação literária para falar sobre as relações históricas e sociológicas estabelecidas que permeiam a sociedade moçambicana (DIOGO, 2010, p. 6).

Examinando outros textos de autores africanos, Schmidt (2013) salienta que segregação racial, conflitos étnicos e guerras civis contemporâneas, entre outros, são temas recorrentes. Segundo ela, isso mostra o destaque que essa herança tem, ampliando

a dificuldade para superar os resquícios da história colonial. Fazendo um paralelo com a história recente do Brasil, a pesquisadora relata que, somente após a década de 1990 é que se intensificou o debate sobre o “apagamento” (2013, p. 232) da representação da negra nos discursos culturais. Sobre os *Becos da Memória*, a autora enfatiza a importância que se dá aos moradores da favela como sendo os principais elementos do enredo, contrariando estereótipos de que essa população fique em papel secundário. Não obstante, aponta ainda a necessidade da criação de um ‘lugar fora’ da filosofia ocidental:

Um lugar, enfim, em que se produza um texto que fale, de outro modo, aquilo que não foi dito, o que ficou em gérmen, à espera de uma voz. Escritoras como Paulina Chiziane e Conceição Evaristo são algumas das vozes que enunciam o que ficou por dizer – aquilo que povoa e apaga o silêncio de séculos (SCHMIDT, 2013, p. 237).

Mesmo com a grande distância geográfica entre Brasil e Moçambique, com espaços bem distintos e personagens que nem sempre são contemporâneos, *As Andorinhas* e *Becos da Memória* trazem um importante diálogo entre si. Ao retratar um imperador machista no primeiro conto, um herói resiliente no segundo e uma heroína no final, Chiziane mostra características que são relatadas por Evaristo também. Em *Becos da Memória*, assim como *As Andorinhas*, mostram um retrato marginalizado da mulher, do favelado, do negro, do pobre. Os romances abordam fortemente questões femininas e raciais, trazendo uma - quase - inevitável analogia entre a senzala e a favela.

As duas autoras também compartilham outras semelhanças. Tomaram gosto pela escrita por meio da tradição oral: Chiziane ouvia histórias da avó, e Evaristo escutava os ‘causos’ de uma tia. Outra semelhança é que as duas autoras trazem histórias colhidas na vida real, além de “terem nascido muito pobres, negras e, principalmente, de terem vontade de transformar as coisas e dar voz aos que não tem, usando, em suas escritas, palavras mais ou menos comuns (GOMES, 2015, p. 78)”.

A trajetória de luta das escritoras se reflete em seus personagens. Pode-se ressaltar também que seus textos favorecem as trocas culturais, sendo eles uma espécie de mediadores dessas trocas. A escritora moçambicana e a brasileira “tomam para si a necessidade de engajamento em prol da mulher como possibilidade de embate, de resistência e insubordinação (DIOGO, 2010, p. 7)”. No entanto, não abrem mão da ternura, possibilitando profundas reflexões acerca de questões de gênero.

Considerações Finais

A leitura dos dois livros leva à percepção de paralelos bem definidos nas duas obras. Em *As Andorinhas*, os contos trazem um imperador que acredita no caráter ‘feminino’ da natureza no que é relativo à submissão, um herói que resiste à opressão do colonizador e uma heroína, que vence mesmo com todas as dificuldades. É possível fazer uma analogia com os *Becos da Memória*, uma vez que a realidade de opressão, exclusão e resquícios do período de escravidão trazem em comum com o livro da moçambicana um cenário de constante luta e resistência. É possível notar ainda que, embora os espaços sejam fisicamente e temporalmente bem distintos, as realidades que retratam têm semelhanças inequívocas. Em *As Andorinhas*, a descrição de um estado social que marginaliza a mulher faz com que as histórias convirjam para o cenário dos *Becos da Memória*, mesmo que sejam geograficamente bem típicos do Brasil, quando representam a visão de pessoas que passam por situações de opressão, luta e resistência, como é o caso dos considerados excluídos, prestes a perder o pouco que têm (em termos materiais) devido ao plano de desfavelamento.

Comparar as obras de Paulina Chiziane e de Conceição Evaristo evidencia os marcantes pontos em comum que elas trazem. Escritoras negras de países colonizados por portugueses, as duas utilizam-se da escrita com forte sensibilidade feminina como ponto de partida para uma apurada crítica social que não se resume apenas à discriminação contra a mulher ou o negro, mas contra outros grupos que são considerados excluídos, destacando o caráter de engajamento nos textos analisados. Literatura e história caminham juntas nas duas obras, seja na suavidade da escrita feminina, seja na denúncia social contra o racismo, sexismo ou outra forma de discriminação, como verificado nos textos de Evaristo e de Chiziane.

Referências

ALDRIDGE, A. *Propósito e Perspectivas da Literatura Comparada*. In: COUTINHO, E.; CARVALHAL, T. *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ALÓS, Anselmo Peres. *Literatura Comparada Ontem e Hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas*. Organon, Porto Alegre, v.27, n.52, p. 17-42, jan./jun. 2012.

- CHIZIANE, Paulina. *As Andorinhas*. Belo Horizonte: Ed. Nandyala, 2013.
- COSTA, Eliane Gonçalves da. *Literatura e História*. São Mateus: Centro Universitário Norte do Espírito Santo, 2016. (Comunicação oral).
- COUTINHO, Eduardo F. *Literatura Comparada em América Latina: ensayos*. Cali: Programa Editorial Universidad Del Valle, 2003.
- DIOGO, Rosalia Estelita. *Paulina Chiziane e Conceição Evaristo: escritas de resistência*. Fazendo Gênero, Florianópolis, n.9, p. 1-8, ago. 2010.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.
- GOMES, Vera Tatiana dos Reis Monteiro. *Questões Femininas e Raciais em Moçambique e no Brasil Através dos Olhares de Paulina Chiziane e Conceição Evaristo*. Escrita, Rio de Janeiro, n.20, p. 70-90, 2015.
- HUYSSSEN, A. *Literatura e Cultura no Contexto Global*. In: MARQUES, R.; VILELA, L (org). *Valores – arte, mercado, política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- NITRINI, Sandra. *Teoria Literária e Literatura Comparada: origens e atuais linhas de pesquisa*. Estudos Avançados, São Paulo, v.8, n.22, p. 473-480, set./dez. 1994.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “*Escrevivência*” em *Becos da Memória, de Conceição Evaristo*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, ago. 2009.
- SCHMIDT, Simone Pereira. *Os Desafios da Representação: poéticas e políticas de leitura descolonial*. Via Atlântica, São Paulo, n.24, p. 229-239, dez. 2013.
- SILVA, Milene Matos. *Grandes Africanos*. Lisboa: Companhia de Ideias, 2014.